



FHE **POUPEX**

O USO MILITAR DE JANGADAS NO BRASIL - UM EXEMPLO



Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista. Natural de Canguçu-RS. Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. 1971-1974. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 . Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1980. Resgatou a História de seu berço natal Canguçu, em especial em vários livros e artigos e em seu livro Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007, cujas capas são de autoria de seu filho Capitão de Mar- e-Guerra Carlos Norberto Stumpf E de longa data integra o Instituto de Estudos Valeparibanos

Artigo digitalizado para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim a AMAN , e em levantamento para integra-lo no programa Pergamium

O USO MILITAR DE JANGADAS NO BRASIL - UM EXEMPLO

Cel Cláudio Moreira Bento

De 1763 a 1777, a posse do Rio Grande do Sul foi disputada pelas armas entre Portugal e Espanha. Os espanhóis o invadiram a partir de Buenos Aires, em 1763, pelo litoral e, em 1771-1774, pela campanha, chegando a controlarem cerca de 2/3 de seu atual território, com suas bases em Rio Grande, Santa Tecla (próximo a Bagé) e São Martinho (próximo a Santa Maria e chave do acesso aos Sete Povos das Missões).

Em 1774, Portugal decidiu desfechar uma contra-ofensiva para recuperar o Rio Grande, tendo organizado o poderoso Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Bohn, contratado por Portugal para liderar a empresa, e mobilizando recursos de toda a ordem em Portugal, no Brasil e em Angola. O Exército foi concentrado em São José do Norte tendo como base logística Porto Alegre e efetivos em Rio Pardo, para atuar na campanha à base de guerrilhas, na condução da Guerra à Gaúcha.

E primeiro expulsou os espanhóis de São Martinho, em 31 de outubro de 1775, de Santa Tecla, no início de 1776, e reconquistou a Vila de Rio Grande (1º de abril de 1776) que havia 13 anos estava em poder de Espanha.

Para o sucesso dessa feliz empresa das três vagas de assalto à margem sul do sangradouro da Lagoa dos Patos, 13 jangadas, construídas com madeira especial enviada de Pernambuco, e por uma equipe composta de 1 sargento e 7 soldados pernambucanos de Regimento de Henriques que guarnecia a ilha de Santa Catarina.

Os detalhes dessa operação pouco conhecida abordamos em nosso livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-1776**. Rio de Janeiro, BIBLIEx, 1996, com apoio Nas Memórias e cartas ao vice-rei do Tenente-General Bohn, as quais revelamos pela primeira vez, no todo e em português, depois de traduzidas do francês pelo Coronel Nei Paulo Pannizzutti e com 260 notas e vários outros complementos, inclusive respondendo a quesitos formulados pelo Estado-Maior do Exército para pesquisas em seu proveito. Este livro está hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

A presença de jangadas foi assim resumida na Memória de Bohn:

“... Em 5 de janeiro de 1776, recebi de Pernambuco várias sumacas com madeiras de Pernambuco para a construção de jangadas. Pedi a um pernambucano aqui residente que construísse uma jangada, o que ele a fez pequena sem se responsabilizar-se por sua eficiência.

Ela movimentou-se bem a remos e a vela, apesar de haver provocado risos na tropa por seu aspecto. Pedi ao governador de Santa Catarina que me enviasse soldados de Pernambuco ali destacados e que soubessem fabricá-las.

Em 26 de janeiro de 1776, ele enviou um sargento e 7 soldados capazes, que logo iniciaram a construí-las com madeira mais porosa e leve do que a cortiça, só conhecida em Pernambuco, já acontecendo de algumas terem chegado até a Bahia (...) Essas jangadas têm calado ínfimo e aqui andam muito depressa.

Mandei construir 4 na Fronteira Norte (São José do Norte atual) e 4 no Lagamar (enseada fora da barra onde aportavam navios portugueses sem interferência inimiga). Comecei a exercitar os soldados a manejá-las e a nelas confiar quanto a sua segurança...”

O plano de Bohn era usá-las no assalto a fortes espanhóis na margem sul. Assim ele escreveu ao Vice-rei em 10 de março de 1776:

“... o rei possui agora aqui barcos muito apropriados para navegar (no Sangradouro da Lagoa dos Patos). As jangadas são o que há de melhor para

atravessar e transportar pessoas e tem acesso a todos os locais, em razão da pouca profundidade das margens do sangradouro. Quando mandei construir a primeira a tropa riu a socapa. Logo a seguir, aplaudiram o seu desempenho operacional...”

Na madrugada de 1º de abril de 1776, elas transportaram com sucesso, em dois escalões de ataque com 200 granadeiros cada, as duas primeiras vagas de assalto, sendo a do Ataque Principal guiada pelo Tenente de Dragões e Ajudante de Ordens de Bohn, nascido em Rio Grande - Manoel Marques de Souza, atual denominação histórica da 8ª Brigada Motorizada, com Quartel-General em Pelotas. Granadeiros do atual Batalhão Sampaio encarregaram-se do ataque secundário.

Em carta de 8 de setembro de 1776, ao Vice-Rei Marquês do Lavradio, Bohn escreveu:

“... A opinião de V. Excia. sobre o uso militar das jangadas é tão justo que sem elas eu teria tido dificuldades de atravessar o Sangradouro (de São José do Norte atual a Rio Grande). Ficaria encantado de receber mais madeira para fabrica-las...”

A Revista Militar Brasileira, atual Revista do Exército (janeiro/junho de 1976 p. 26) publicou uma gravura da época focalizando uma dessas jangadas, em artigo de Abeillard Barreto.

Este é mais um eloqüente exemplo da criatividade militar luso-brasileira e da sua singular contribuição para o sucesso da grande operação anfíbia conjunta, Exército e Esquadra, que reconquistaram a Vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776, definindo assim, pelas armas, o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, confirmado pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

Hoje os que andam de jangada a vela sobre trilhos, atração turística no molhe sul da barra do Rio Grande, longe estarão de imaginar que treze delas foram importantes para transpor, de São José do Norte para o lado da cidade de Rio Grande, as tropas luso-brasileiras que a reconquistaram aos espanhóis, em 1º de abril de 1776, dia de São Francisco de Paula, nome primitivo da cidade de Pelotas e o seu padroeiro em reverência aquela feliz reconquista.